



Roma, 9-13 / 05 / 2016

CONSAGRADAS NA IGREJA PARA O MUNDO *UISG 1965-2015. Notas para uma história*

Irmã Grazia Loparco, fma

Introdução

As Superiores religiosas tinham inaugurado um ponto de convergência na União Internacional das Superiores Gerais (UISG). Através acenos rápidos sobre os tópicos abordados pelo *Boletim* UISG, parece refazer cinquenta anos de vida religiosa a partir da perspectiva das superiores. As reflexões, obviamente, não reflectem o caminho efectivo de cada Congregação, mas sim indicam a busca, as esperanças e perspectivas comuns. Desde 1966, o Boletim é de facto o órgão de formação e de informações da associação, escrito em várias línguas. Além de apresentações de conferências e reuniões, este contém textos escritos por homens e mulheres de diferentes nacionalidades; relatórios de questionários e debates; informação sobre as iniciativas locais, de colaboração e solidariedade.

O itinerário da UISG é traçada em três partes cuja chave interpretação é a mudança das mulheres religiosas na Igreja e na sociedade. A primeira parte descreve as origens da UISG; a segunda parte aborda os temas de reflexão sobre a vida religiosa; a terceira parte diz respeito aos anos do século XXI, a premissa das opções em acto.

Primeira parte

As origens e perfil da UISG

Antecedentes e origen da União: 8 de Dezembro de 1965

Pio XII tinha expressado a necessidade de uma renovação dos Institutos femininos no Primeiro Congresso Internacional das Superiores em 1952. Assim surgiu a *União Romana das Superiores Gerais* (1952), "como uma espécie de comissão consultiva da Sagrada Congregação", que organizou a abertura do Instituto Pontifício *Regina Mundi* em 1954 e em 1958 a Comissão de apoio para a América Latina. Mas a *União* consistia só das gerais presentes em Roma, muito poucas em comparação com cerca de 2.600 instituições femininas.

No entanto João XXIII reconhecia a inserção das mulheres na vida pública como um sinal dos tempos (*Pacem in terris*, 1963). Especialmente o Concílio Vaticano II (1962-1965) deu um impulso a toda a Igreja. 23 mulheres foram convidadas a participar como ouvintes; entre elas 11 consagradas, das quais 9 eram Superiores Gerais. A questão das congregações femininas foi estudada na última sessão do Concílio. A Sagrada Congregação dos Religiosos no dia 8 de Dezembro de 1965 erigiu a União Internacional das Superiores Gerais, com finalidade semelhante aos da União dos Superiores Gerais (USG). Em Janeiro de 1966, o Prefeito pediu à irmã Maria Rosario Araño, RJM, de aceitar a presidência; também nomeou como secretária a irmã Françoise de Lambilly, rscj, e os outros membros do Conselho. O mandato era válido até a primeira Assembleia Geral (1967). Diante da primeira empresa organizacional, algumas congregações generosamente ofereceram o pessoal.

No art. 3 dos Estatutos está afirmado que todas as "Superiores Gerais dos Institutos Religiosos e Sociedades de vida comum, tanto de direito pontifício que diocesano, são membros por direito da União". Mas foi necessária a busca de membros. As Superiores das congregações internacionais puseram-se em activo recebendo uma resposta entusiástica. A sede inicial da UISG estava em um apartamento, que em breve foi insuficiente, portanto foi transferida para Lungotevere Tordinona o antigo Escolasticado dos Padres Assuncionistas. O edifício foi comprado

com a contribuição das Congregações. A 31 de Maio de 1969 Paulo VI inaugurou as instalações e recordou as religiosas a não serem *do mundo, mas para o mundo*.

A partir da fase inicial ao desenvolvimento da Associação; buscar o diálogo com a Santa Sé

Na Assembleia de 1970 foi eleita presidente a Ir. Mary Linscott, snd; a Ir. F. de Lambilly, rscj permaneceu como secretária-geral. Nos primeiros anos a UISG encarregou-se do seu desenvolvimento: aperfeiçoou a sua identidade, aprofundou as relações com a Igreja e seu carácter internacional. A missão codificada nos Estatutos foi a comunicação, reflexão e comunhão entre as Superiores Gerais; entre elas e a Santa Sé; e entre elas e as Conferências de Religiosas Nacionais e Internacionais; também uma relação dialógica com algumas Conferências Ecumênicas da Vida Religiosa.

Em 1970, a Presidenta foi consultada para um documento sobre a vida religiosa, a *Evangelica Testificatio*, mas ela pediu e obteve o envolvimento do Executivo inteiro. Desde então, a União foi solicitada junto com a USG em alguns grandes projectos: em 1972, foi lançada uma consulta sobre a formação (a Congregação emitiu as *Diretrizes* em 1990); em 1977, foi questionada sobre a secção dedicada à Vida Consagrada no novo Código de Direito Canônico (1983).

Num outro nível, a consulta realiza-se em base regular entre a Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares (CRIS), a USG e a UISG, com o *Conselho de 16* (8 superiores religiosos e 8 superiores religiosas), enquanto o *Conselho de 18* manteve uma relação análoga com a Propaganda Fide.

No último momento, a presidenta e vice-presidenta da UISG foram convidadas para o Sínodo dos Bispos de 1971 e 1974. Em vez, vinte anos mais tarde, em 1994, a União tinha a faculdade de escolher as pessoas para enviar. Nas Assembleias Especiais para os Bispos, para a Oceania (1998) e para a Europa (1999), foram convidadas dois membros do executivo como auditoras. Em Sínodos recentes a presença da UISG tornou-se mais consistente. A consulta sobre as sessões plenárias do Dicastério dos religiosos foi mais lenta, embora que desde 1967 está trabalhando lá algumas religiosas. Em suma, os caminhos do diálogo colaborativo iam abrindo-se lentamente.

Dentro da associação, além das reuniões que tornaram-se logo trienais, foram criadas Comissões, para aprofundar certas questões: educação, justiça e paz, vocações; grupos de trabalho sobre as mulheres e as tendências na vida religiosa. Desde o início a composição dos vários órgãos foi internacional, como as Assembleias. Alcançou-se uma maior consciência sobre a missão apostólica, uma melhor informação sobre a situação mundial e um aprofundamento do carisma do próprio instituto dentro do carisma geral da vida religiosa na Igreja. As actividades da UISG nos anos 60 e 70 eram muito intensas, o que corresponde a um momento crítico da transformação. Mais tarde surgiram sobretudo, a espiritualidade apostólica, a necessidade de constante conversão. Mais ou menos conscientemente a UISG deu a sua contribuição para preencher algum vazio teológico, com um pensamento que nasce da prática, especialmente na preparação para o Sínodo de 1994. O impacto concreto das religiosas, no entanto, parecia diminuir, pelo menos em algumas áreas.

Sobre a *periodização da associação*, depois do Concílio poderia ser recolhido em duas décadas, em 1975-1995, da presença mútua e a tensão entre o velho e o novo; depois, o Sínodo sobre a Vida Consagrada foi um marco que orienta, pelo menos, a década 1995-2004, até ao Congresso Internacional. Mais tarde, enriquecido pelo ano dedicado à vida consagrada por Papa Francisco (2014- fevereiro 2016), é crônica que chega até o presente.

Adesão à UISG por contextos geográficos e estrutura organizacional da União

Não é fácil saber os números exactos de congregações femininas. Em 1971 foram mostrados no Boletim os dados relativos aos continentes:

Áreas geográficas	As delegadas eleitas das Superiores Gerais dos seguintes Países	Presidentas e secretárias das Uniãoes Nacionais	Número de Religiosas no Mundo	Número de Superiores
Africa	16	22	29.975	43
America do Norte	8	13	217.139	317
America do Sul	17	5	123.125	225
Asia	14	22	47.300	125

Australia	4	10	15.358	41
Europa	34	25	625.178	1.548

No final dos anos 90 a União registava um aumento das Superiores da Ásia, África, América do Sul, a maioria são congregações diocesanas, juntamente com a queda na Europa, América do Norte e Austrália, onde estava crescendo a média de idade dos membros.

Com a revisão dos Estatutos em 1998, inaugurou-se as Constelações e, em seguida, as suas respectivas Delegadas, valorizando a representatividade geográfica e as iniciativas territoriais. O *Conselho de Delegadas* (52 em 2015), então elegiam o *Comité Directivo* (10 membros em 2015).

Segunda parte

A vida religiosa manifestada no boletim

Temas dos primeiros anos pós-conciliares

Re-pensamento da vida religiosa feminina em uma nova era eclesial e social

Na *primeira assembleia* (1-12 marzo 1967) emergia a consciência de que a vida religiosa feminina enfrentava uma nova era na evolução do seu lugar na Igreja e uma profunda transformação da sua relação com o mundo perturbado por grandes problemas: paz, desenvolvimento, justiça social e racial, a igualdade cultural, ecumenismo. Era necessário deslocar-se da caridade para a consciência de necessidade de uma "pedagogia da vida política". As religiosas foram chamadas para participar no despertar e no cuidado do mundo inteiro. Para Mons. Grémillon, um milhão de religiosas propagadas em todo o mundo representavam "o sistema nervoso mais consciente e a maior esperança da Igreja", por causa das suas presenças "nas aldeias, nas florestas, nas cidades, onde quer que estão os seres humanos".

Diante destas expectativas, não se escondia que a acção das religiosas ainda estava insuficientemente expressadas por *Gaudium et Spes* e pela *Populorum Progressio*. A sua propagação poderia ser uma importante ferramenta de animação a partir da base, sob a condição de mudar de um "espírito de protecção superior à uma atitude de intercâmbio e mútua ajuda fraterna". Mas, se os Institutos não se adaptassem às mudanças, eles seriam isolados, permanecendo contrariando o pensamento eclesial. Por isso, saltou para o primeiro plano a necessidade de formação, bem como o *apostolado de informação*, com o uso crítico dos meios de comunicação. A *actualização do governo* é constante argumento e no binómio de autoridade-obediência crescia o novo tema do diálogo.

Em 1969 mais de 500 superiores trataram sobre *Evolução socio-cultural e vida religiosa*. Entre os principais temas, a promoção da mulher foi reconhecida como campo próprio da obrigação das religiosas. Também falou-se de comunidade "satélite", ou sem uma superiora local ...; de relações interpessoais e novos tipos de candidatas; de reestruturação e participação como subsidiariedade e co-responsabilidade. Alguns conferencistas especularam que nos Institutos com mais de 5000 membros poderia haver três ou quatro superiores gerais, mas P. Molinari, SJ, observou que seria decapitar a unidade e a internacionalidade, promovendo o nacionalismo e divisão. Ele via com favor as pequenas "fraternidades", desde que não se isolavam da província.

No entanto, a Presidenta da UISG interveio na Oitava Assembleia Geral da *Caritas Internacional* (1969), tendo em vista o Ano Internacional da Educação organizada pela ONU para 1970, a fim de combater o analfabetismo. Lançou-se a ideia de cooperar activamente na alfabetização de adultos, no igual reconhecimento de acesso à educação para meninas e mulheres, no desenvolvimento da investigação pedagógica e na formação dos professores de ensino. A UISG queria criar um Escritório Internacional Permanente especial para isso.

Também na *Assembleia* de 1970 emergiam os contactos com várias instituições, como FAO e *Misereor*, etc., bem como reuniões com laicos e ecumênicos. Para a América Latina desejava-se a descentralização e a integração na pastoral local, embora melhorando a contemplação e estudo, especialmente de teologia. As africanas sentiam a necessidade de maturação da consagração dentro de sua mentalidade, bem como para atender, para cooperar na promoção das mulheres africanas. Lançaram-se as bases para a valorização da diversidade cultural, o que poderia colocar as congregações em postos avançados do diálogo multicultural.

O mundo muda com ou sem religiosos

Em 1972 tratou-se de novos temas, como meios de comunicação, futurologia e previsão. O que estava acontecendo também afectava aos religiosos e não queriam ser espectadores: “Se hoje ninguém prepara planos para o futuro, amanhã o mundo será um caos. Se não preparamos o nosso futuro, isso será feito sem nós e provavelmente contra nós. Quer queiramos ou não, a vida religiosa será transformada com o mesmo ritmo da sociedade ... A planificação é um dever essencial das Gerais O homem novo está nascendo. Ele interroga-nos: Lhe entendemos? Nós nascemos com ele? Lhe regeneramos?”.

Naquele ano, dedicado à paz pela justiça, os conselhos gerais foram convidados para pôr em acções concretas, a partir de si mesmos (propriedade, a solidariedade entre as províncias, funcionários legalmente contratados ...). Mons. Benelli veio a manifestar a expectativa da Igreja sobre: evitar uma espiritualidade desencarnada.

Religiosas em diálogo com a Cúria Romana

Dois dias de intenso diálogo foram vividos em Novembro de 1973 com os responsáveis da Sagrada Congregação para os Religiosos. A questão básica era: *que esperam as Superiores Gerais da Sagrada Congregação para os Religiosos; e que esta espera das Superiores Gerais?* Via-se acima de tudo a oportunidade de um maior intercâmbio no Conselho de 16. Algumas Superiores esperavam uma nova forma de liderança por parte da Congregação, para receber não só as directivas, mas também orientações pastorais e espirituais; orientamentos ao invés de restrições, de modo a preservar a unicidade e unidade em cada Instituto, e os elementos essenciais da vida religiosa na actualidade. Apelaram a uma melhor comunicação, naquele tempo ofuscado pela dominância masculina e uma representação adequada das religiosas na Congregação. Elas também queriam ser consultadas durante o processo de elaboração de normas, em atenção às situações concretas, evitando mal-entendidos. Estas expectativas estavam relacionadas principalmente com a subsidiariedade e a parceria. O grupo de Inglês esperava que a UISG iria enfrentar seriamente a questão das mulheres, em conjunto com o Ano Internacional declarado pela ONU em 1975. Pediram um estudo sobre a teologia da mulher e que a Igreja aprofundisse a contribuição insubstituível da mulher na sua missão, bem como a considerar a perda de potencial humano quando a complementaridade não era reconhecida. Respirava-se na totalidade um grande desejo de participação, em conformidade com a propagação de Congregações em diferentes contextos; ousava-se de pedir e propor. Havia interlocutores atentos, pelo menos na escuta.

Dimensão histórica dos carismas e a evangelização na actualidade

Em 1974 perguntava-se sobre o papel das religiosas na evangelização do mundo contemporâneo. Se notava a lentidão com a qual tinha sido reconhecida a vocação apostólica das mulheres e que a visão de algumas das fundadoras do século XIX tinha sido realizada apenas em parte, por isso havia espaço para fazer mais como mulheres na sociedade. A vocação de "ser o Evangelho que passa", de acordo com Paulo VI, tinha tomado o risco da dicotomia entre consagração e actividades, no entanto, reclamava-se às religiosas para abraçar as suas responsabilidades e a considerar as fronteiras da Igreja como uma área de encontro em vez de uma parede de separação.

A diminuição de sacerdotes era concomitante com a crise de obras tradicionais, que deixou mais religiosas disponíveis a exercer todos os ministérios, com excepção daquelas reservadas aos sacerdotes. *Encarnação* era necessário, inserindo-se especialmente nas classes trabalhadoras para mostrar que a história humana vai mais longe, na *Transcendência*. A distância das pessoas, no entanto, fez com que pareça como que as religiosas fossem um mundo separado e ingenerava a ideia de que a vida cristã era só para uns poucos privilegiados. Para ser *agentes de câmbio*, as mudanças de estruturas foram preparadas pelas mudanças de mentalidade, até os aspectos legais. Em comparação com a época em que prevaleceu o direito próprio dos Institutos, após o Código de Direito Canónico de 1917, foi mortificada a originalidade das Congregações, favorecendo uma crise de identidade das religiosas, pela aridez e meticulosidade das normativas.

O carisma da vida consagrada no presente

Em 1975, o ano da Mulher e Ano Santo, emerge a importância da consciência feminina, para olhar a realidade com os olhos misericórdiosos de Deus. Não era tanto sobre estar em qualquer lugar, mais bem de discernir os apelos e inserir-se no mundo com novas responsabilidades que exigiam formação permanente. Novos campos relacionados com o respeito pela vida, a recomposição de famílias desfeitas, a ajuda aos jovens vítimas de drogas e prostituição, a

participação nos movimentos em favor da justa libertação das mulheres e o direito de uso correcto dos meios de comunicação.

A religiosa na Igreja: a coragem da verdade

Marcello de Carvalho Azevedo, sj, concentrou-se na situação das religiosas na Igreja. Examinava acuradamente as razões pelas quais as mulheres, em princípio, são tão reconhecidas iguais aos homens, de acordo com o Evangelho, mas o contacto com as culturas do cristianismo, comprometeram a sua liberdade e flexibilidade. O Jesuíta lamentava a desproporção entre o número potencial de religiosas comparando com os religiosos, e a realidade da sua contribuição eclesial para várias causas. Também indicou aspectos da masculinização da vida religiosa feminina nas regras, nas fundações, nos orientamentos espirituais, na influência sobre as decisões e a administração dos bens. O erro estava na sujeição das religiosas, e não, obviamente, na colaboração.

O costume que institucionalizava a subordinação e passividade das religiosas, em alguns indicadores, resultava que não tinha desaparecido totalmente. O relator também indicava sinais promissores de mudança, graças ao desenvolvimento cultural e profissional de muitas religiosas. A valorização não era (e não é) quase sempre guiada pela concepção evangélica da igualdade, pelo contrário, é uma repetição actualizada da hegemonia masculina, como por exemplo quando as religiosas são obrigadas para abastecer na paróquia (a catequese, a papelada, o cuidado ...); quando se manipulam os grupos de trabalho, onde os homens pensam e as mulheres desempenham, etc.

A renovação das religiosas depende da sua evolução como mulheres na Igreja e no mundo. Brotou o repensamento sobre a vida comunitária, evitando de tratar-se como entre adultos e crianças, combinando com equilíbrio entre autoridade e obediência, tanto mais que as jovens, especialmente em ambientes urbanos, estavam assumindo autonomia e uma certa independência económica da família, eram mais críticas, abertas e desinibidas. Elas dificilmente encontrariam-se bem em ambientes onde, pretendia-se de perpetuar uma figura ultrapassada de mulher. Dizia-se que para implementar a igualdade, era essencial a libertação concomitante do homem da sua reivindicação de domínio. O processo de desumanização ligada ao progresso poderia ser tão reequilibrado com a busca de vias de civilização verdadeiramente humanas. Esta seria uma revolução cultural para fazer emergir o ser humano na sua totalidade, em colaboração.

Ousadia o repensamento da vida religiosa

As reflexões sobre os votos, as Constituições, os Capítulos Gerais recorriam especialmente nos anos 70 e início dos anos 80. Não faltaram aqueles que questionavam a denominação dos votos, pouco compreensíveis em alguns contextos. Padre Tillard indicou a raiz, o dedicar-se não tanto e não apenas *para*, mas acima de tudo *porque*. No entanto, a rubrica *Religiosas Intrépidas* apresentava diferentes experiências nas comunidades de base, nas novas comunidades, entre os ciganos, ou nas Fraternidades ecumênicas, ou nas *comunidades abertas* com a presença conjunta de religiosas e laicas. Em 1979, entre outras coisas, citaram-se religiosas australianas, envolvidas no repensamento da comunidade eclesial, que havia criado tensões com a hierarquia. Em 1978, pela primeira vez, o Comitê Directivo da UISG foi convidado pela Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, para a reunião da Plenária em 25 de Abril. Foi declarada como o primeiro "Dia da Mulher" na Plenária. Toda uma edição do Boletim de 1980 tratava sobre *mulheres*. Uma laica, Elisabeth Lovatt-Dolan expressava as expectativas de testemunho profético: "Nós necessitamos de religiosas ... que compartilhem a nossa missão de justiça e libertação e que se dediquem a solicitação de acção para lançar uma ponte sobre o vazio que existe entre aqueles que possuem e aqueles que não têm, entre a teoria e a prática, entre a vida e o evangelho".

A instituição como mediação, não é um fim em si mesma, e as relações nas Igrejas locais

Marcello de Carvalho Azevedo, sj, em 1979 ilustrava a dicotomia entre a Igreja e modernidade. Com o Concílio Vaticano II, a Igreja tinha escolhido de sair do isolamento cultural em que era encerrada, retomando o diálogo com a humanidade moderna. Daí a pergunta para todos: "Aquele que somos e aquilo que fazemos, corresponde às necessidades reais e urgentes da humanidade de hoje, em sua relação com Deus e com as pessoas? Se assim for, isso é bom. Devemos de andar avante. Se não, devemos de ter a coragem da fé para recomeçar. É aí que reside a nossa conversão, a única semente fértil da nossa liberdade interior em Jesus Cristo".

Olhando para o futuro da vida religiosa na Igreja, Bartolomeo Sorge, sj, chamava de novo para uma participação mais activa das religiosas, de acordo com a variedade dos carismas e abertas aos ministérios mais difíceis. E Cassian Yuhaus, cp, entrava nos assuntos das previsões para poder organizar e guiar a mudança. Segundo

ele, o futuro, já está presente nas decisões que se tomam: “A única maneira de mudar o futuro é ponderar bem as nossas decisões no presente”. “Se nós não antecipamos suficientemente as mudanças necessárias, bem como a forma de alcançá-las, vamos a ser vítimas de uma mudança incontrolada e desordenada”. A *chave para o futuro* seria a maneira de enfrentar-se, de adaptar-se e de dominar a *mudança*. Ao invés de considerar-lo como problema, seria necessário, em vez, de abrir-se com astúcia e preparação.

Em 1982 ir. Katherine MacDonald reflectia sobre *Mutuae Relationes*, entre os Bispos e as Religiosas. As Religiosas sim que apreciavam o reconhecimento do carisma da vida religiosa, mas lamentavam sobre a insistência da função administrativa do Bispo e a imprecisão das estruturas que favorecessem o diálogo e a compreensão mútua, com vistas às decisões comuns. Com muita lucidez descreveram-se situações, expectativas, dificuldades.

Formação como uma prioridade para as Superiores

Necessidade de repensamento a partir da missão apostólica

Em 1983, João Paulo II tinha compartilhado a necessidade de desenvolver uma visão clara sobre a vida religiosa. Pretende-se, portanto, de aprofundar como a *espiritualidade apostólica, centrada na missão no mundo*, devia influenciar o modo de entender os votos, o estilo de vida comunitaria e a participação na missão. Na Assembleia as religiosas pediram para aprofundar a questão da *formação* inicial e contínua, para comunicar a fé num mundo cambiado. A seguir tratou-se sobre a espiritualidade da *autoridade* como estilo de vida, de relação e de conduta, esclarecendo a introdução do termo *liderança*, especialmente no contexto da língua inglesa. Além disso, tratou-se sobre a oração, em relação às necessidades do apostolado, no sentido de que esta não feche, mas envie aos irmãos.

Expectativas dos leigos: “algo mais” das religiosas

No contexto do Sínodo dos Bispos sobre os leigos, tratou-se sobre questões de justiça e de paz, da sociedade de consumo, da sede do espírito (com a proliferação de seitas), o surgimento dos leigos; os jovens, os valores e questões morais. O Dr. Guzman Carriquiry do Pontifício Conselho para os Leigos relatou o que as pessoas leigas esperavam de cada religiosa. Em suma, "algo mais". Porque os santos são os maiores reformadores, devemos de perguntar-nos se os religiosos estavam na vanguarda da corrente de santidade que realmente renova a Igreja e o mundo. Carriquiry via os religiosos como “revolucionários profissionais” da Igreja a tempo integral. Sobre a participação política, ele chamou a atenção para as improvisações idealistas. Viver fielmente a actualidade do próprio carisma perante as necessidades da Igreja e das pessoas, observou ele, é a melhor contribuição que mesmo os leigos estão esperando das religiosas. Também as relações na família natural deviam ser capazes de encontrar um pouco mais de humanidade reconciliada e "nova sociedade" nas comunidades religiosas. Especialmente os leigos esperavam encontrar nas religiosas, pessoas unificadas que transmitem alegria.

Discernimento: das palavras aos factos

Sobre *Profetismo e vida religiosa* (1987) Marie Suzel Gerard, sjc, observava que depois de ter escrito nos documentos sobre a necessidade de ler os sinais dos tempos, era necessário passar aos factos nas comunidades, convencida de que uma vida contemplativa teria dado origem as iniciativas mais ousadas. De acordo com Ricardo Antoncich, sj, a vocação convida para olhar a história desde as perspectivas de Deus, para mostrar os limites das ideologias e como sair em favor das pessoas. Para isso, foi necessário realismo na análise da realidade, para não cair em elogios falsos ou deformados. E, em 1989, aprofundou-se numa metodologia concreta para o discernimento, para distinguir os elementos próprios do carisma daqueles que entram numa resposta histórica talvez inadequada.

A inculturação e a imagem cristã da pessoa

O tema da *inculturação* conjugava-se com a evangelização e as ressonâncias na vida religiosa, chamada a encontrar caminhos de unidade na diversidade. As diferentes experiências referiam-se à África e as suas culturas (1988), à Oceania (1989), à Ásia (1994). Mesmo o tema da *pertença* renovava o seu tom, incluindo os colaboradores leigos. Advertiu-se que desde o centro dinâmico de pessoas identificadas com o carisma, depende a capacidade de atracção, de renovação e de partilha dos dons recebidos para serem doados aos outros.

Entre a crise e as perspectivas de futuro

Sobre a *pastoral vocacional entre a crise e as perspectivas de futuro* J. Rovira Arumi, cmf, considerava que a uniformidade e centralização inculcada no século XIX e meados do século XX levou, juntamente com a estabilidade dos Institutos, a inacção; muita mobilização de pessoas e de obras, mas pouca criatividade teológica. A mentalidade restauradora não criou imediatamente defasagens culturais excessivas e a inércia das aspirações resistiram até quase 1960, enquanto que as grandes mudanças do mundo ocidental tinham causado crises e guerras. Comparando com a sociedade, parecia que a crise tinha chegado tarde na vida religiosa. Mesmo os capítulos gerais tinham identificado a estabilidade, o imobilismo e a promessa de perpetuidade. No entanto, diminuía-se a vitalidade e insinuava-se um declínio sutil. Quando tudo parecia ainda seguro, chegou o convite para a renovação e mudança, mas não estava claro o que e em que direcção. O compromisso para os Institutos de ter que se adaptar às exigências da cultura, às circunstâncias sociais e económicas (PC 3) acenderam o fusível, porque o problema foi próprio o desorientamento cultural. Assim surgiu a confusão e a crise, porque a adaptação não estava referindo-se apenas às actividades, mas também à vida interior, e exigia uma participação sem precedentes de todos os membros. Em vários casos, a revolução cultural transforma-se em confusão cultural. A crise, portanto, não era culpa do Vaticano II, porque havia uma discrepância anterior que não podia durar. A crise do celibato não era a causa, mas um efeito, porque a vida religiosa não estava à altura do desenvolvimento humano, cultural e espiritual de seu tempo. Hipóteses para o futuro: em primeiro lugar, um retorno ao Evangelho e às raízes para extrair uma nova juventude, e não para copiar as formas do passado.

Sobre *as relações mútuas entre religiosos e leigos*, em 1989 don J. Aubry, sdb, descrevia a situação sem precedentes para a redescoberta da presença missionária dos leigos no mundo. Pertencia as religiosas de educar futuros adultos envolvidos e também de dialogar, mesmo com os novos Movimentos. No entanto sobre *A Pastoral Vocacional ... para qual vida religiosa?* ecoava a preocupação pela diminuição das vocações e a busca de novos modelos formativos para uma vida religiosa inserida, em vez de separada das pessoas.

Dimensão feminina e missão da Igreja: binómio inevitável

Após a *Mulieris dignitatem*, uma religiosa recordava que só no início de '900 foi permitido de viver a vida religiosa sem clausura, assim que: “a vida religiosa apostólica activa feminina é realmente na sua infância, se a considerarmos do ponto de vista da história”. E referindo-se a missão observou: “Quando começamos a falar sobre os pobres, de qualidade em vez de quantidade, de pessoas em vez de edifícios, de colaboração mais do que de iniciativas individuais, nós utilizamos os conceitos que mais facilmente nos identificam com modelos femininos”. A colaboração com os homens exigiam o aprofundamento da participação na Igreja e na sua missão.

Os religiosos, terapia de Deus ao conformismo eclesiástico

Na perspectiva de 2000, nos perguntamos como fazer para recuperar a capacidade de “revitalizar” ou “refundar”. A renovação não poderia ter vindo dos documentos. Recuperar a inspiração inicial e adaptar-la à actualidade exigia uma decisão concreta no confronto com os desafios: a interpretação correta da Bíblia com respeito às seitas; solidariedade com os pobres; o problema dos refugiados; o diálogo com as outras religiões; o processo de secularização. As comunidades religiosas eram como “uma sociedade de contraste” ao conformismo, como uma “terapia de Deus” para evitar que a Igreja se esquecesse de seu carácter e natureza provisória neste mundo.

Vida religiosa, um antídoto para a secularização da salvação

Na assembleia do ano de 1991, João Paulo II enfatizou a consagração como um antídoto para a “secularização da salvação” da sociedade mais avançada. Reconheceu a co-responsabilidade das religiosas na evangelização e recomendou a formação de formadoras, sem desencorajar-se pela diminuição das candidatas. Cettina Militello evocava as questões cruciais, a importância de cultivar uma cultura de diálogo, afirmando que Deus trabalha através da *Kenosi*.

Seguia o tema da *ecologia* conjugada com a vida religiosa, tanto na actualidade da frugalidade, ao qual nos convertemos, como na mensagem do ascetismo clássico. *Respeito pela Criação e Evangelização* lançava um desafio contra o consumismo, a dominação, a destruição da criação. Cristo Rey García Paredes, CMF, sinalizou a necessidade de desenvolver uma teologia com perspectiva ecológica. Rose Fernando, FMM, em vez disso, concentrou-se na interligação entre a justiça social e eco-justiça.

Internacionalidade dos carismas, o testemunho da universalidade do Evangelho ao serviço da vida

Verificou-se que não era suficiente a presença em vários países para assegurar que as Congregações fossem internacionais (1993). Os carismas foram re-leídas em cada cultura, estabelecendo um diálogo com o original. Se compartilhava algumas experiências sobre a comunicação intercultural, sem esconder o preço da internacionalidade; no entanto, os benefícios eram muito superiores, aceitando em conjunto um processo de conversão.

A Assembleia de 1993 centrou-se sobre as *Religiosas de vida apostólica ao serviço da vida*. Os carismas tinham aparecido como “intuições poderosas que mudavam a visão da humanidade”, enquanto que várias congregações mais recentes pareciam mais bem nascidas em vista de obras específicas, que depois, tentavam de identificar uma intuição fundamental que fosse capaz de estimular e dirigir os membros. Emergia o ênfase sobre o *ser com e entre*. A salvação dos institutos passava pelos pobres, os mediadores de Deus neles.

A Identidade da vida religiosa em torno ao Sínodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada (1994)

Comunicação e nova evangelização diante das grandes tendências da sociedade

Eleonora Barbieri Masini encorajou as religiosas à conhecer os grandes fenômenos mundiais para ir ao encontro das pessoas: o pluralismo cultural, o crescimento das seitas, reveladoras duma busca religiosa que abria outros caminhos também para o cristianismo, a perspectiva competitiva da vida com um crescente individualismo. A seu modo de ver, três áreas iriam influenciar o futuro: a tecnologia da informação, que exigia uma educação com um sentido crítico; a biotecnologia, que exigia uma ética; a área de gestão e *governança e liderança*, para ser repensada de forma mais participativa e compartilhada. O convite era de adaptar as atitudes para com as grandes mudanças, através de uma nova maneira de ver as coisas através dos meios apropriados, para que o mundo contemporâneo pudesse compreender o Evangelho.

Formação como ministério e desafio para o futuro da vida consagrada

Em preparação para o Sínodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada (1994) as religiosas interviam na *Lineamenta*. A inculturação e a internacionalidade destacavam-se como desafios que interpelavam a formação. Federico Ruiz-Salvador, OCD, tematizava a necessidade da *revitalização* pessoal e comunitária como uma adesão vital ao Deus vivo. Ele sugeria que os cursos de *formação permanente* não se tornassem cursos de *informações periódicas*.

A União concentrou-se nos efeitos sobre a *Formação* entendida como um ministério de prioridade e desafio para o futuro da vida consagrada e a sua missão, com a indicação concreta de trabalhar sobre a *Ratio Formationis*, plano de formação para todas as etapas de vida, para todos os Institutos. O Sínodo deixou a ideia de que era necessário reformular a teologia da vida consagrada e, infelizmente, não teve oportunidades para discutir o assunto em profundidade. Ao mesmo tempo, observando que o futuro da igreja perfilava-se nos leigos, os religiosos foram chamados para apoiá-los em assumir a dimensão laical do carisma, que também alimenta nos consagrados uma maior consciência da sua própria especificidade.

Na sequência da Quarta Conferência sobre a Mulher, em Pequim, a questão ainda destacava: Como religiosas, qual seria a contribuição que poderíamos oferecer para uma maior igualdade, para a paz e o desarmamento, demonstrando que a fé lança uma luz crítica sobre o que está acontecendo? Muitas formas de solidariedade poderiam progredir se as religiosas se unissem à muitas ONGs e mulheres comprometidas, e também tentando ir até as causas estruturais de injustiças para não permanecer no nível das palavras. No século XIX, as congregações religiosas tinham percebido em sua própria maneira os problemas religiosos e sociais da era industrial nascente. E, em troca do final de século XX? Para ser um sinal, dizia-se, que devíamos de perguntar-nos corajosamente de que realmente vivemos; e perguntar-nos se há um compromisso à ser elementos proféticos de uma contra-cultura, anunciando que Deus está do lado dos pobres e que a Igreja não considera os homens como objectos de assistência, mas sujeitos de sua própria libertação. Os Institutos podem significar uma “diversidade reconciliada” entre a contemplação e a profecia, entre o homem e a mulher, entre o clero e os leigos.

A espiritualidade como uma cultura da vida consagrada. Possível mudança na solidariedade

A Reunião Plenária de 1998 incidiu sobre o tema: *Religiosas, construtoras de um futuro alternativo no caminho para novas formas de solidariedade*. Para E. Masini era necessária uma maior visibilidade do “gênio feminino” capaz de lidar concretamente com os problemas, para incidir na estrutura do mundo de amanhã. Entre as

tendências que tiveram maior influência sobre as mulheres e as religiosas, foi notável a transição de um mundo bipolar para um multipolar, com a migração; da abundância ao esgotamento de recursos; o progresso na educação feminina, a composição variável das famílias. As religiosas teriam que tentar compreender o mundo, favorecidas por sua própria internacionalidade, como construtoras de um futuro alternativo, e não vítimas, mas actoras da sociedade.

Em 1999 no Boletim começaram-se a fazer perguntas de verificação sobre o caminho tomado, que parecia ser uma “renovação inacabada” diante das necessidades do mundo, apesar dos progressos. Os religiosos tinham notado a presença de uma bela teologia, que ainda não estava assimilada; de uma crítica à vida comunitária tradicional, mas na qual continuavam a estar. Foi demolida sem ser reconstruída. Sentia-se a exigência de preparar-se espiritualmente para vencer a superficialidade espiritual e o individualismo. Sofria-se por uma falta de profecia, que antes era chamada burguesia. Talvez fosse o momento das “pequenas coisas” mais do que das grandes missões, de tornar a Cristo presente sobretudo com o testemunho pessoal.

Qual futuro para a vida religiosa?

Aqui e ali, saltava a questão de saber se a vida religiosa teria futuro, e expressava-se as razões para o sim, especialmente em torno de uma cultura de vida. Por outro lado, por exemplo, para a Índia, indicou-se que após as aberturas dos anos 80, as religiosas estavam experimentando um certo encerramento, não andando com os tempos e não imersas na realidade sócio-cultural. Além de obras assistenciais, foi necessário comprometer-se, em particular, para criar a igualdade e a justiça na medida do possível.

A Assembleia da UISG em 1999 tratou sobre *Chamadas a ser testemunhas, portadoras e servas da vida*. Perto da celebração jubilar, advertia-se de ser confrontados com um futuro totalmente desconhecido, com a única certeza de que para continuar a viver era necessário lançar as bases para o futuro.

Animação capaz de grandes sonhos e pequenos passos.

Na cultura pós-moderna M. Pia Bonanate salientou a necessidade de as irmãs para se comunicarem com as pessoas, afim de reequilibrar uma sociedade que tem a marca do machismo, com a dedicação plena de si e o serviço. “Hoje a Igreja tem a necessidade de recomeçar a partir do Jesus das mulheres”.

Sinergias em torno ao Jubileu

Na reunião plenária de 2001, relativa à *Religiosas: muitas culturas - um só coração: enviadas para serem a presença viva da ternura e da misericórdia de Deus neste mundo que sofre*, a presidenta Rita Burley, ACJ, observou, entre outras coisas, que a partir de '98 já se trabalhava para promulgar a Declaração de Solidariedade com os pobres e os que sofrem, em particular mulheres e crianças, através do qual aceitavam a Coalizão do Jubileu 2000 contra a dívida esmagadora dos países empobrecidos; tinham pedido uma moratória sobre a pena de morte; tinham declarado para se opor a qualquer abuso sexual. O resumo das Relações das Constelações apresentava luzes, sombras e perspectivas de vida religiosa feminina.

Terceira parte

Um nova ímpeto e passos concretos

Um ponto de viragem na visibilidade do compromisso comum? A Declaração de determinação

Das propostas amadurecidas num clima jubilar as Superiores da UISG lançaram uma declaração de determinação, em Maio de 2001, com um compromisso público e comum de raio planetário.

Nós, as quase 800 Superiores Gerais que damos voz
A um milhão de membros
De Congregações católicas em todo o mundo,
depois de reflectir sobre o tema:
Religiosas: muitas culturas - um só coração:
enviadas para serem a presença viva da ternura e misericórdia de Deus
neste nosso mundo que sofre,

declaramos publicamente a nossa determinação de trabalhar
 juntas em solidariedade
 nas nossas comunidades religiosas e nos países em que operamos
*para denunciar com insistência, a todos os níveis,
 o abuso sexual e a exploração de mulheres e crianças*
 com particular atenção ao
tráfico de mulheres,
 que tornou-se um negócio lucrativo multi-nacional.
 No sulco da nossa longa tradição de educadoras
*Continuaremos a promover a educação
 E a formação das mulheres,*
 dentro e fora de nossas instituições,
 empenhando o pessoal e recursos financeiros
 para assegurar o desenvolvimento integral das mulheres
 em todas as fases da vida,
 ajudando-as a potenciar a sua força interior
 e apreciação dos dons recebidos de Deus para promover e
 defender a vida.
 Como mulheres, comprometidas em proteger os direitos humanos,
*declaramos mais uma vez a nossa
 solidariedade com os países mais pobres
 e reafirmamos nosso compromisso de trabalhar
 pelo cancelamento da dívida internacional.*
 Como mulheres que se opõem à continuação do conflito,
 violência e guerra,
*expressamos o nosso compromisso de promover
 uma cultura de paz*
 e também apelamos aos responsáveis dos governos
 e das organizações multi nacionais
pedindo-lhes para que façam cessar a venda e compra de armas.
 Como mulheres preocupadas pela preservação
 Da nossa Mãe Terra,
 vamos a trabalhar, quando e onde seja possível,
*para alterar o comportamento destrutivo que provoca
 o aquecimento global
 e as alterações climáticas
 e ameaça toda a forma de vida no nosso planeta.*
 Nós nos esforçamos para concretizar esses compromissos
*Através de um sistema de rede de comunicação entre nós
 E com outras organizações existentes
 Que cultivam estes mesmos interesses
 Nas várias igrejas e na sociedade.*
 Atentas ao grito que se eleva unânime por muitas culturas,
*Nós responderemos como mulheres discípulas de Jesus Cristo
 olhando o mundo com os olhos do coração,
 e com a compaixão do nosso Deus, que é Misericórdia.*

A perspectiva feminina para se concretizar por uma cultura de paz

Com respeito a *Declaração de determinação*, o Comité Executivo elaborou em 2002 uma *Declaração de Prioridade* com algumas questões sobre as quais queriam começar a trabalhar: promover o papel positivo das mulheres na criação de uma cultura de paz; identificar as principais formas de exclusão, abuso e exploração sexual das mulheres e crianças em culturas particulares. Enfrentava-se o tema da identidade feminina como um recurso

para uma cultura de paz, após os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001: *Qual presença evangélica por uma "cidadania activa" numa sociedade globalizada.*

A Assembleia de 2003 foi realizada em Nairobi, pela primeira vez fora de Roma. A Declaração de Prioridade inspirou outras actividades de colaboração e de rede, seja com as Congregações da Santa Sé, seja com outras Conferências de Religiosos; tais como a reunião anual com a CLAR e com a LCWR dos EUA, também foi adicionado aquela com a Conferência Canadense.

Além disso, a UISG foi convidada pela USG para participar numa Comissão para o Diálogo Inter-religioso, para colaborar com o SECAM e a Comissão Conjunta de Justiça, Paz e Integridade da Criação; a Conferência Mundial sobre Religião e Paz (WCEP), em particular sobre Crianças e HIV / SIDA; *Religiosas, crianças e conflitos armados*. A Presidenta também foi convidada para ser membro do novo Conselho Europeu de Líderes Religiosos e também para colaborar com a União Mundial de Organizações Católicas Femininas (WUCWO) sobre a questão de violência contra as mulheres. Além disso estava-se criando uma lista de potenciais teólogas para uma Comissão de Reflexão Teológica e tinha acontecido uma troca frutífera na reunião conjunta do Executivo da UISG / USG sobre a formação dos sacerdotes sobre o tema da sexualidade. Com vistas ao futuro pretendia-se fortalecer a rede mesmo com as Constelações para vários projectos de educação e formação, através do estabelecimento de um escritório de Agente de Desenvolvimento e Projecto. Uma ressonância interessante veio da Mme Bernadette Mbuy Beya, da Sociedade de Mulheres Teólogas Africanas, que pedia às religiosas católicas de serem mais presentes entre as teólogas africanas, de comprometer-se mais directamente na sociedade e na Igreja, para cristianizar as estruturas, estimular as pessoas para se tornarem força de transformação de sua própria condição. A Conferência dos Religiosos do Brasil compartilhou dois projectos de sistemática releitura da realidade à luz da Palavra: a leitura orante da Bíblia; a experiência de solidariedade, comunhão e participação.

Um renovado impulso em 2004

A novidade do Congresso sobre a Vida Consagrada em 2004, *Paixão por Deus, paixão pela humanidade*, foi a preparação conjunta com a USG, que marcaria um ponto de viragem na partilha de Projectos. No entanto nasceu a Conferência dos Superiores da África e Madagascar. Um relato realista do tráfico de seres humano e do compromisso das religiosas manifestava um aspecto concreto da consagração e da UISG ao serviço da vida. Em 2007, se identificava a nova profecia com o compromisso de reconstruir o tecido das relações humanas. Ecologia, "a terra e a sua sacralidade", o diálogo inter-religioso, os migrantes e refugiados, os leigos, as mulheres, eram fios com os quais tecer a comunhão.

A Reunião Plenária de 2010 com quase 800 superiores concentrou-se na *Mística e profecia*. "Eu sei bem a fonte que mana e corre ... embora seja de noite". Mais tarde, mencionavam novas fronteiras: a relação entre a contemplação e a vida de justiça, paz e cuidado da criação; a era digital como uma oportunidade para a vida consagrada, a vida consagrada na Europa. O Fórum AMOR, Reunião de Religiosos de Ásia-Oceania, criada como uma resposta à chamada à acção pela justiça, consolidou a identidade das religiosas orientais em um terreno multi-religioso.

Sugestões para a teologia da vida consagrada

Em 2011 realizou-se um seminário teológico. Josune Arregui, CCV, releia a vida religiosa num contexto secularizado, empobrecido, violento com o qual esta deve manter um diálogo, mas livrando-se de formas obsoletas. É necessário, observou ela, re-imaginar a vida religiosa *no mundo*, com uma *teologia do mundo*. A vida apostólica deve ser mais claramente definida pela chamada para combinar a sabedoria antiga do cristianismo com uma nova justiça, num mundo pluralista e incapaz de lidar com a diferença. Também Sandra Schneiders, IHM, acentuou sobre a consagração à Deus e, ao mesmo tempo sobre o ser moldada pelo contexto histórico, de acordo com a concepção original da relação apostólica Igreja-mundo que delineou o Concílio Vaticano II. Sobre o futuro, a teóloga delineou o quadro de comunidades reduzidas em número, menos institucionalizadas no ministério; com religiosas de idade mais avançada, mas activa por mais tempo. A passagem mais difícil de aceitar é, talvez, a das obras tradicionais para as novas formas de apostolado. Os ministérios tradicionais de educação e cuidados podiam não ser os que mais actualmente requerem a presença de religiosas, enquanto outros ministérios paróquiais e diocesanos foram abertas: os ministérios da justiça social destinadas a mudança estruturais, que tinham como "cola teológica" a doutrina social da Igreja; ministérios que trabalham directamente com as vítimas da injustiça social ou de catástrofes naturais, cuja cola teológica é a compaixão pelo corpo sofrente de Cristo; intelectuais, estudiosos e artistas, cuja cola é o

aprofundamento da busca de fé no nosso tempo; ministérios que atendem à sede de significado e transcendência, cuja cola teológica é o crescimento espiritual. Com respeito ao passado, não todos os religiosos fazem a mesma coisa, mas é preciso evitar o individualismo. “Responder às necessidades do Povo de Deus é o que determina onde e como vivemos. Primeiro de tudo, a pregação do Evangelho onde é mais necessário”.

Também em 2011 as superiores estavam envolvidas na preparação para o Sínodo sobre a Nova Evangelização. Em 2012 destaca-se a nomeação cardinalícia de Dom João Braz de Aviz, e a nomeação de Nicla Spezzati, asc como subsecretária da CIVCSVA, substituindo Enrica Rosanna, FMA. Sobre a *liderança* na vida consagrada Paredes acentua sobre o verdadeiro significado do *líder*: não é aquele que tem um programa e dirige, mas aquele que deixa-se guiar pelo Espírito para contribuir ao fluxo da graça de Deus que é derramado sobre o mundo. No entanto, Pat Farrell, Presidenta da LCWR, depois de receber a avaliação da Congregação para a Doutrina da Fé, juntamente com representantes de religiosos e religiosas da América do Norte se reuniram com os Conselhos Directivos da UISG e USG. O discurso de encerramento da Assembleia da Conferência das Religiosas dos Estados Unidos, publicado pelo Boletim UISG, havia encorajado de partir da contemplação, de uma voz profética, da solidariedade com os marginalizados, da comunidade, da não-violência e de uma vida de alegre esperança.

Em 2013, realizou-se a Assembleia Plenária sobre a autoridade: “*Não será assim entre vós!*”. Além de uma análise dos padrões de autoridade presentes na Igreja, ofereceu-se a reflexão bíblica, sociológica, enfatizando a qualidade dos relacionamentos, como “Empresa de graça”. No final da Assembleia foi dado os Orientamentos para a missão 2013-2016: “*Assim deve ser entre vós*”.

Os Projectos activos

Especialmente a implementação de Projectos relacionados com problemáticas ardentes, tem promovido a cooperação concreta seja entre as Congregações, seja entre a UISG e USG, e seja com outras instituições internacionais tanto eclesiais como civis. Além do Projecto *Talitha Kum* contra o tráfico de seres humanos promovidos pela UISG, a *Solidariedade com o Sudão do Sul* é implementado em parceria entre UISG e USG. Perante o surgimento de refugiados e migrantes intende-se de o abordar através da união de forças.

No que respeita ao Instituto Pontifício *Regina Mundi*, e para permanecer fiéis ao objectivo original de favorecer a formação teológica das religiosas dos países em desenvolvimento, a UISG decidiu usar uma parte da renda da propriedade para criar um fundo para bolsas de estudo. Assim nasceu a “*Regina Mundi na Diáspora*”. Após o lançamento, em 2012 foram atribuídas 32 bolsas de estudo, aumentando-se nos anos seguintes. Um Projecto recente, está em relação com a disponibilidade de religiosas canonistas em porem-se a disposição das Superiores Gerais, para responder à questões que surgem da vida cotidiana e que requerem uma solução jurídica.

Noções Conclusivas

O caminho traçado documenta como a UISG, superando uma visão isolada dos Institutos, colocou no diálogo as religiosas dentro da radio mundial, para promover a necessária e difícil de mudança em torno da identidade e missão repensada juntas, sem dicotomias. No primeiro período, sentia-se uma grande emoção, o desejo de inovar e colaborar, de “estar lá” no mundo. Em busca de seu próprio papel, as superiores pediam mais escuta e interacção com a Santa Sé e com os bispos, permanecendo, por sua parte, receptivas ao Magistério e às experiências inovadoras, também em colaboração com os leigos e os organismos internacionais. A UISG tem incentivado o desenvolvimento da consciência religiosa feminina, desejosas de maior responsabilidade nas Igrejas locais e nos seus próprios Países, medindo-se sim com as grandes questões do desenvolvimento, mas também com a resistência a um verdadeiro avanço, necessário para reduzir os atrasos eclesiais e culturais.

Mais tarde começa na UISG uma verificação mais voltada *ad intra*. O confronto com a sociedade e a insistência na formação parecem mover-se sobre temas espirituais, mas parece escapar a necessidade de um crescimento real de capacidade crítica que faz com que as religiosas sejam idonéas para inserir-se como mulheres de forma proactiva em um mundo cada vez mais exigente.

Algumas perspectivas e termos discutidas, aprofundadas ao longo das décadas, tornaram-se património comum; outras já passaram de moda, outras considerações parece que se tinham perdido na estrada. Não era a tarefa da União para acompanhar a sua execução, que compete à cada Instituto em particular para diminuir a *lacuna* entre a reflexão e a experiência, os hábitos e o risco, no entanto, diante da realidade actual permanece a percepção de uma certa dispersão ou interrupção de segmentos, que tinham atrasado ou impedido o crescimento de uma

“proposta cultural”, ou revolução evangélica de forma relevante na sociedade e na Igreja em sua totalidade. A UISG traçou um caminho que seria bom de se lembrar em continuar. Devemos de perguntar-nos como fazer para que o caminho já implementado não se perda na alternância das pessoas no governo das Instituições como da UISG. Os Projectos e os gestos em favor da vida mais ameaçada são sinais proféticos e legíveis por todos, mas, obviamente, não são suficientes. Provavelmente seria muito proveitosa para cada instituto de perguntar-se sobre que mudanças ocorreram no seu interno ao longo deste tempo 1965-2015 relativamente aos tópicos cobertos pela UISG.

Mesmo as críticas aqui mencionadas visam contribuir para a reflexão sobre o caminho que se abre diante de nós, unindo forças e idéias, a partir da assimilação das medidas tomadas, para que cada superiora possa sintonizar-se no maior concerto da vida religiosa feminina. Embora tenha havido uma perda de sua relevância pública no Ocidente, por outra parte esta oferece novas perspectivas para as pessoas. Dado que as migrações estão a pôr em causa a geografia humana e religiosa, é óbvio que constantemente abrem-se fronteiras em todos os lugares missionárias. No longo curso da história da Igreja, de facto, os dois séculos de vida activa das religiosas talvez ainda são apenas o começo da sua floração em significado e incidência, e a UISG tem muito para oferecer como interlocutora na Igreja e como ponte com as comunidades civis. Onde quer que haja uma pessoa a reconhecer, servir e promover, nas metrópoles como nas aldeias remotas, em facto as religiosas expressam a esperança fundada no novo humanismo através da própria humanidade evangelizada cada dia.

Irmã Grazia Loparco, fma

Irmã Grazia Loparco é Docente de História da Igreja na Faculdade Pontifícia de Ciências da Educação “Auxilium” de Roma e Consultora histórica da Congregação para as Causas dos Santos.

	ALGUNS NÚCLEOS PRESENTES NO BOLETIM UISG 1965-2015
Do pós Concílio	A necessidade de repensar sobre a vida religiosa feminina em um novo tempo eclesial e social: entre empurrar para a frente, resistências, passos prudentes
Reflexão sugerida do externo	Instâncias de actualização das Constituições, da organização interna da vida religiosa
	Mudanças necessárias no governo , relação autoridade-obediência, o diálogo, a liderança
	Mudanças sócio-culturais e vida religiosa: as questões de justiça, paz, desenvolvimento, solidariedade, educação, meios de comunicação, secularização, mulheres ...
Pouco a pouco internalizada nas consequências	Formação: tema sempre antigo e sempre novo. Com a formação permanente. Ministério e desafio para o futuro da vida consagrada
	Chamada para um maior diálogo e colaboração com a Congregação dos Religiosos, a Santa Sé, os Bispos. Que imagem da vida religiosa feminina no Código de Direito Canônico?
	Exigência de renovação da vida consagrada a partir da dimensão apostólica , o que implica repensar sobre os votos, a oração, a missão, a vida comunitária e inserção
	Em virtude do carisma - nova visão da realidade – como tornar-se agentes de câmbio na sociedade, proactivas, e não aceitar passivamente a evolução cultural?
	Releitura do carisma da vida consagrada no presente: o discernimento nas Igrejas locais e nos países, concretas nas escolhas, mesmo audácias
	Consciência feminina e responsabilidade na Igreja e na sociedade, para uma nova cultura de colaboração entre homens e mulheres, à luz do Evangelho
Do fins dos anos 70	Espera do testemunho profético : religiosas mais próximas das mulheres envolvidas e das pessoas, melhor preparadas e formadas para o diálogo entre a Igreja e a modernidade
Em escuta também dos	Algo a mais: humanidade reconciliada, testemunho de unidade interior e de alegria
	A inculturação, a internacionalidade, a pertença, a universalidade, a colaboração com

leigos / das leigas	os leigos
	Crise vocacional , as perspectivas futuras
	Mulheres e missão da Igreja : O melhor ainda pode estar por vir. Passos de participação
	Chamada à interioridade, à vida espiritual. Espiritualidade como cultura de vida consagrada
	Revitalização, renovação, re-fundação : os religiosos como terapia de Deus ao conformismo eclesial, um antídoto para a secularização da salvação.
	Serviço à vida , onde as espécies mais ameaçadas, sejam uma prioridade na escolha
	Sinergias em torno ao Jubileu de 2000, grandes sonhos e pequenos passos
Do Jubileu de 2000	Declaração de determinação e opções de prioridade: cultura de paz, ecologia; compromisso para superar a pobreza, a exclusão, o abuso e a exploração sexual de mulheres e crianças
	Presença evangélica para uma cidadania activa numa sociedade globalizada
	Compartilhar a responsabilidade com outras teólogas para um aprofundamento da vida consagrada formada pelo contexto histórico
	Mística e profecia . Relação entre a contemplação e a justiça, a paz e o cuidado da criação, era digital
	Renovações das actividades, novos ministérios e espaços onde crescem as necessidades das pessoas. fidelidade criativa
	Condições para uma renovação contínua lado a lado com os tempos : formação, autoridade